

PAULO HENRIQUES BRITTO

# Mínima lírica

*2<sup>a</sup> edição*



Copyright © 2013 by Paulo Henriques Britto

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

*Revisão*

Jane Pessoa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Britto, Paulo Henrques

Mínima lírica / Paulo Henrques Britto. — 2<sup>a</sup> ed. —  
São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2310-0

1. Poesia brasileira 1. Título.

---

13-07186

CDD-869.91

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Sumário

## LITURGIA DA MATÉRIA (1982)

I

- Três peças fáceis, 15
  - Barcarola, 15
  - Noturno, 17
  - Scherzo, 20
- Dez sonetos sentimentais, 23
- Duas bagatelas, 33
- Três lamentos, 35
- Natureza morta, 38
- Balancete, 39

II

- Concerto campestre, 43
- Piada de câmara, 44
- Logística da composição, 45
- How it is, 46
- Dos nomes, 47
- Liturgia da matéria, 48
  - Gênese, 48
  - Ascese, 49
  - Graça, 50
  - Credo, 51
  - Revelação, 52
  - Teogonia, 53

Profissão de fé, 54  
Três epifanias, 55  
Elogio do mal, 58  
Materiais, 60  
Insônia, 61  
Persistência do sonho, 62  
Of consciousness as a kind of toothache, 64  
Espiral, 66  
Duas fábulas sem moral, 67  
O aqualouco, 69  
Uma criatura, 70  
Memento, 71  
Dos rios, 72  
Poema-posfácio, 73

#### MÍNIMA LÍRICA (1989)

Para não ser lido, 77  
Álbum, 78  
    Mantra, 78  
    Geração Paissandu, 79  
    Queima de arquivo, 80  
    Flyleaf, 81  
O fascínio do fácil, 82  
Noites brancas, 83  
Dois sonetos sentimentais, 89  
Dois amores rápidos, 91  
Pour Elise, 92  
O turista apressado, 93  
    Museu do Louvre, 93  
    Museu Britânico, 94

- Café Costes, 95  
Ponte Vecchio, 96  
Aeroporto qualquer, 97  
Indagações, 98  
Para João Cabral, 98  
Para Augusto de Campos, 99  
*Minima poetica*, 100  
Utilidade da insônia, 104  
Pomo, 105  
Aura, 106  
Ontologia sumaríssima, 107

# Liturgia da matéria (1982)

# Três peças fáceis

## BARCAROLA

eu e (você) andando  
, de mãos emprestadas, quase pelas ruas,  
sem olhar pra cima nem pros lados nem pra frente,  
porém em direção ao Futuro. Ou ao Eterno. Ou ainda: ao  
[Sublime.

Ou coisa que o valha, ou qualquer coisa  
que não valha nada,

eu e (você)  
, nós dois, na noite quase escura,  
pulando pelos paralelepípedos da rua asfaltada  
brincando de amarelinha sem linhas nem pedra,  
saltando por cima das regras, sem ligar a mínima,

eu e “você”, sem fôlego, sem direção,  
furando sinais, cruzando fora das faixas,  
comprando coisas em lojas fechadas  
na parte mais feia da cidade  
temporariamente morta,

eu e “(você)”, sem tempo, sem horário, sem  
pressa nem propósito,  
cortando a vitrine com o diamante do anel que  
estamos tentando roubar da vitrine  
que estamos cortando  
com o diamante do anel que ainda vamos roubar

, eu e quase você, bêbados, desbundados, tontos de sono,  
prostrados na praia artificial  
polindo na areia plástica  
a pedra do anel que a gente ia roubar  
contando as estrelas que o dia já apagou  
vendo o sol nascer às avessas  
esperando o barco.

— Ó, lá vem lá o barco!  
o barco.

## NOTURNO

1. O zumbido do silêncio  
insiste em nos atordoar  
mas as nuvens que ainda restam  
desistiram de tentar  
parecer alguma coisa  
e ao nos ver tão despertos  
as derradeiras estrelas  
se arregalam espantadas  
com nossa imobilidade

e nós inertes e mudos  
olhos fixos no escuro  
constatamos insones  
nossa intensa solidão.

2. No indevassável do vento  
alguma coisa se esboça  
tênué lagarta de ar  
roça no ventre da noite  
desce macia e mansa  
como um gato incerto  
sobre um possível muro  
toda pelos e patas

pousa como um inseto  
em nossos peitos nus  
gorda e invisível  
como um gesto escuro.

3. Quando meus lábios sem língua  
se aproximarem sem pressa  
de teu corpo compenetrado  
será um beijo comprido  
seco firme controlado  
que o tempo é lento e sem fim  
e tua carne gelada.

E quando nossos corpos se encontrarem  
na extensão total de nossa pele  
e nossos braços se tornarem tensos  
e nossa insônia se intensificar  
será um contato puramente elétrico  
um espasmo apenas, ato instantâneo  
contundente e final, mecânico e exato  
como o cravar de um punhal.

4. E quando por fim nossos olhos exaustos  
pesados de noite pensarem enxergar  
ao longe uma espécie de vago clarão  
não vamos saudar a manhã que nasce  
não vamos cantar hinos claros ao dia  
não vamos dançar ritmos febris  
em homenagem ao sol.

Vamos fechar os olhos importunos,  
vamos pensar em coisas limpas e escuras  
como a noite.

E se o dia insistir em raiar  
só nos resta uma coisa a fazer  
que é irmos embora, em direções opostas.

## SCHERZO

Ontem à noite, eu e você,  
em plena cumplicidade  
em vez de fechar as janelas  
como todo mundo faz  
deixamos as nossas abertas  
só pra ver o que ia dar.

Deu nisso:  
varreu as ruas um vento  
saído de nossas janelas,  
de dentro de nossas gavetas  
onde nós há tanto tempo  
guardávamos tempestades  
pra algum dia especial  
(que acabou sendo ontem).

O vento levou pedaços  
de céu que atravancavam  
nossos sóbrios conjugados;  
enormes nuvens incômodas  
rolaram janela afora  
feito lerdos paquidermes  
e se esparramaram a valer.  
O ar fresco inesperado

de nossos apartamentos  
causou transtornos na rua:  
os transeuntes, coitados,  
tossiam intoxicados  
por excesso de oxigênio;  
cambaleavam às tontas  
pelas calçadas vazias.

Fui eu o primeiro a jogar  
em baldes pela janela  
a água clara que jorrava  
de fontes desconhecidas  
em áreas inexploradas  
sob a cama e atrás do armário,  
mas foi você quem soltou  
do alto do oitavo andar  
as primeiras plantas aquáticas,  
os peixes, répteis e aves;  
eu, porém, instituí  
o pelo e o viviparismo  
dos mamíferos essenciais.

E como as ruas já estavam  
inteiramente povoadas,  
e como já os postes da Light  
todos tinham evoluído  
em árvores colossais,  
e como ainda não eram  
nem três horas da manhã  
e já estava terminado

o grosso da Criação,  
descemos até a rua  
em busca de um bar aberto.  
No primeiro que encontramos  
nossos milagres caseiros  
eram o assunto geral;  
e nós, sedentos e incógnitos,  
pedimos duas cervejas  
e ficamos contemplando  
sem espanto nem orgulho  
a grama tenra e miúda  
que brotava a nossos pés.